

*A
COR
SURGIDA
DO
ESPAÇO*

*E OUTROS CONTOS
DE H.P. LOVECRAFT*

*Tradução de
Damnus Vobiscum*

BREVE NOTÍCIA SOBRE H.P. LOVECRAFT

Foi pobre e amargurado. Nasceu quase junto com seu século, e sofreu-o; sua época amada era o Séc. XVIII inglês, mas suponho que teria detestado tal século da mesma forma que detestou o Séc. XX americano, pois os homens que sentem saudades de outros tempos não conseguem sentir-se bem em nenhum tempo, em nenhum lugar. Sua mãe foi uma megera impregnada de preconceitos sociais e raciais, que insultava o filho – um garoto muito feio – enquanto o cobria de pancadas; estava convencida de que pertencia a uma aristocracia americana que na verdade nunca existiu; seu pai era bêbado e morreu sifilítico. A infância de Lovecraft foi solitária e triste; passeava sozinho, lia com voracidade (alcançou erudição em arqueologia, química, física, matemática, astronomia e literatura – sem desdenhar o estudo da astrologia e das línguas exóticas), além de ser apaixonado pelos deuses da Grécia Antiga. Casou-se com uma mulher que lembrava sua mãe, logo separando dela – justamente por trazer-lhe recordações da mãe. Viveu sempre na pobreza, dedicado a corrigir o estilo de seus contos de terror; apreciava os ares gélidos e tinha vários amigos, em sua grande maioria correspondentes escritos. Teve o privilégio de conquistar domínios imensos e desconhecidos para a imaginação humana, tornando o cosmos um mito de presença real e terrível. Morreu jovem e só, em 1937, de câncer intestinal e tédio. O resto está em suas obras.

ALGUMAS NOTAS SOBRE ALGUÉM QUE NÃO EXISTE

“Some Notes on a Nonentity”

Para mim, a principal dificuldade ao escrever uma autobiografia é encontrar algo importante para contar. Minha existência tem sido reservada, pouco agitada e nada destacável; e no melhor dos casos, soaria tristemente monótona e aborrecida sobre o papel.

Nasci em Providence, R.I. – onde sempre vivi, exceto por duas pequenas interrupções – em 20 de agosto de 1890; da velha estirpe de Rhode Island por parte de minha mãe, e de uma linhagem paterna de Devonshire residente no estado de Nova York desde 1827.

Os interesses que me levaram à literatura fantástica apareceram muito cedo, pois até onde posso recordar claramente encantavam-me as idéias e histórias estranhas, e os cenários e objetos antigos. Nada parecia fascinar-me tanto quanto o pensamento de alguma curiosa interrupção das prosaicas leis da Natureza, ou alguma intrusão monstruosa em nosso mundo familiar por parte de coisas desconhecidas dos ilimitados abismos exteriores.

Quando tinha três anos ou menos escutava avidamente os típicos contos de fadas, e os contos dos irmãos Grimm estão entre as primeiras coisas que li, com a idade de quatro anos. Aos cinco deram-me “As Mil e Uma Noites”, e passei horas conhecendo os árabes, chamando a mim mesmo de “*Abdul Alhazred*”, nome que algum amável ancião havia-me sugerido como típico nome sarraceno. Foi muitos anos mais tarde, sem dúvida, que pensei dar a Abdul um posto no Séc. VIII, e atribuir-lhe o temido e inominável Necronomicon!

Porém para mim os livros e as lendas não detiveram o monopólio da fantasia. Nas pitorescas ruas e colinas de minha cidade natal, onde as lanternas das portas coloniais, as pequenas janelas e os graciosos campanários georgianos mantêm ainda vivo o encanto do Séc. XVIII, sentia uma magia então e agora difícil de explicar. Os crepúsculos sobre os telhados estendidos pela cidade, tal como se vêem de certos mirantes da grande colina, comoviam-me com um sentimento patético especial. Antes de dar-me conta, o Séc. XVIII havia-me capturado mais completamente que ao herói de Berkeley Square; de maneira que passava horas no sótão abismado com os grandes livros desterrados da biblioteca de baixo, absorvendo inconscientemente o estilo de Pope e do Dr. Johnson como um modo de expressão natural.

Esta absorção era duplamente forte devido minha frágil saúde, o que provocou que minha frequência à escola fosse incerta e pouco regular. Um

dos efeitos disso foi fazer com que me sentisse fora, de maneira sutil, de lugar no período moderno, e pensar portanto no tempo como algo místico e portentoso, onde todo tipo de maravilhas inesperadas poderiam ser descobertas.

Também a natureza tocou intensamente meu sentido do fantástico. Meu lar não ficava longe do que então era o limite do distrito residencial, de maneira que estava tão acostumado aos prados ondulantes, às paredes de pedra, aos olmos gigantes, às granjas abandonadas e aos espessos bosques da Nova Inglaterra rural quanto ao antigo cenário urbano. Esta paisagem melancólica e primitiva parecia-me que encerrava algum significado vasto mas desconhecido, e certas enseadas selváticas e obscuras próximo ao rio Seekonk adquiriram uma auréola de irrealidade, não sem uma mistura de um vago horror. Apareciam em meus sonhos, especialmente naqueles pesadelos que continham as entidades negras, aladas e gosmentas que denominei “*night-gaunts*” – espectros noturnos, bestas descarnadas.

Quando tinha seis anos conheci a mitologia grega e romana através de várias publicações populares juvenis, e fui profundamente influenciado por ela. Deixei de ser um árabe e me transformei em romano, adquirindo assim uma rara sensação de familiaridade e de identificação com a antiga Roma, apenas menos poderosa que a sensação correspondente ao Séc. XVIII. Em certo sentido, as duas sensações trabalharam juntas; pois quando busquei os clássicos originais dos quais foram tomados os contos infantis, encontrei-os em sua maioria em

traduções de finais dos Séc. XVII e XVIII. O estímulo imaginativo foi imenso, e durante uma temporada acreditei realmente ter vislumbrado faunos e ninfas em determinados arvoredos veneráveis. Pensava até em construir altares e oferecer sacrifícios a Pã, Diana, Apolo e Minerva.

Neste período, as estranhas ilustrações de Gustave Doré – que conheci em edições de Dante, Milton e “*The Rime of Ancient Mariner*” – afetaram-me poderosamente. Pela primeira vez comecei a pensar em escrever: o primeiro texto do qual consigo me recordar é um conto sobre uma cova horrível, perpetrado à idade de sete anos, intitulado “*The Noble Eavesdropper*” (O Nobre Intrometido). Este infelizmente não sobreviveu, mas ainda possuo dois hilariantes esforços infantis que datam do ano seguinte: “*The Mysterious Ship*” (O Navio Misterioso) e “*The Secret of the Grave*” (O Segredo da Tumba), cujos títulos exibem suficientemente a orientação de meu gosto.

À idade de quase oito anos adquiri um forte interesse pelas ciências, que sem dúvida surgiu das ilustrações de aspecto misterioso dos “Instrumentos Filosóficos e Científicos”, ao final do *Webster's Unabridged Dictionary*. Primeiro veio a química, e logo montei um pequeno laboratório bastante atraente no sótão de minha casa. Na seqüência veio a geografia, com uma estranha fascinação centrada no continente antártico e em outros reinos inexplorados de remotas maravilhas.

Finalmente amanheceu em mim a astronomia; e o sinal de outros mundos e inconcebíveis abismos cósmicos eclipsou todos os meus outros interesses durante um longo período até depois de meu duodécimo aniversário. Publicava um pequeno periódico intitulado “*The Rhode Island Journal of Astronomy*”, e finalmente – aos dezesseis – irrompi na publicação real na imprensa local com temas de astronomia, colaborando com artigos mensais sobre fenômenos da atualidade para um periódico local, e alimentando a imprensa rural semanal com miscelâneas mais expansivas.

Foi durante o período secundário – o qual pude assistir com certa regularidade – que produzi pela primeira vez histórias fantásticas com algum grau de coerência e seriedade. Eram em grande parte lixo, e destruí a maioria aos dezoito, porém uma ou duas provavelmente alcançaram o nível médio do “*pulp*”. De todas elas conservei somente “*The Beast in the Cave*” (A Fera na Caverna – 1905) e “*The Alchemist*” (O Alquimista – 1908). Nesta etapa a maior parte de meus escritos, incessantes e volumosos, eram científicos e clássicos, ocupando o material fantástico um lugar relativamente menor. A ciência tinha eliminado minha crença no sobrenatural, e a verdade no momento me cativava mais que os sonhos. Sou, contudo, materialista mecanicista em filosofia. Quanto à leitura, mesclava ciência, história, literatura geral, literatura fantástica e lixo juvenil com a mais completa falta de senso convencional.

Paralelamente a todos estes interesses na leitura e na escritura, tive uma meninice muito agradável; os primeiros anos muito animados com brincadeiras e com diversões ao ar livre, e o estirão depois de meu décimo aniversário, dominado por persistentes porém forçosamente curtos passeios de bicicleta que me familiarizaram com todas as etapas pitorescas e excitantes da imaginação da paisagem rural e os povoados da Nova Inglaterra.

Não era de modo algum um ermitão: mais da metade da garotada local contava-me entre suas fileiras.

Minha saúde impediu-me de freqüentar a universidade; porém os estudos informais em meu lar, e a influência de um tio médico notavelmente erudito me ajudaram a evitar alguns dos piores efeitos desta carência. Nos anos em que deveria ter sido universitário tornei-me da ciência e da literatura, especializando-me nos produtos daquele Séc. XVIII do qual tão estranhamente sentia-me parte. A literatura fantástica estava então suspensa, ainda que eu lesse tudo de espectral que pudesse encontrar – incluindo os freqüentes avulsos estranhos em revistas baratas, tais como “*All-Story*” e “*The Black Cat*”. Meus próprios produtos foram maioritariamente versos e ensaios, uniformemente desprezíveis e relegados agora ao olvido eterno.

Em 1914 descobri a “*United Amateur Press Association*” e uni-me a ela, uma das organizações epistolares de alcance nacional de novos literatos que publicam trabalhos por conta própria e for-

mam, coletivamente, um mundo em miniatura de crítica e alento mútuos e proveitosos. O benefício recebido desta afiliação apenas pode sobrestimar-se, pois o contato com os variados membros e críticos ajudou-me infinitamente a rebaixar os piores arcaísmos e as ‘pesadices’ de meu estilo.

Este mundo do “periodismo aficionado” está agora melhor representado pela “National Amateur Press Association”, sociedade que posso recomendar forte e conscientemente a qualquer principiante em criação. Foi nas fileiras do amadorismo organizado que me aconselharam pela primeira vez a retomar a literatura fantástica; aconteceu que em julho de 1917 produzi “*The Tomb*” (A Tumba) e “*Dagon*” (ambos depois publicados em “*Weird Tales*”) em rápida sucessão.

Também por meio do amadorismo estabeleceram-se os contatos que levaram à primeira publicação profissional de minha ficção: em 1922, quando Home Brew publicou uma série de horror intitulada “*Herbert West – Reanimator*”. O mesmo círculo, ademais, levou-me a tratar com Clark Ashton Smith, Frank Belknap Long, Wilfred B. Talman e outros depois celebrados no campo das histórias extraordinárias.

Até 1919, a descoberta de Lord Dunsany – de quem tomei a idéia do panteão artificial e o fundo mítico representado por “*Cthulhu*”, “*Yog-Sothoth*”, “*Yuggoth*”, etc. – deu-me enorme impulso na literatura fantástica; e produzi material em maior quantidade que nunca antes ou depois. Na-

quela época não tinha nenhuma idéia ou esperança de publicar profissionalmente; porém o surgimento de “*Weird Tales*” em 1923 abriu uma válvula de escape de considerável regularidade.

Minhas histórias do período de 1920 refletem bastante meus dois modelos principais, Poe e Dunsany, e estão em geral demasiado e fortemente inclinadas à extravagância e um colorido excessivo para ser de um valor literário mais sério.

Entretanto minha saúde havia melhorado radicalmente desde 1920, de maneira que uma existência bastante estática começou a diversificar-se com modestas viagens, dando a meus interesses de antiquário um exercício mais livre. Meu principal prazer fora da literatura passou a ser a busca evocativa do passado em antigas impressões arquitetônicas e paisagísticas nas velhas cidades coloniais e caminhos apartados das regiões mais largamente habitadas da América, e gradualmente foi-me permitido cobrir um território considerável, da elegante Quebec ao norte até a tropical Key Western ao sul e a colorida Natchez e New Orleans a oeste. Entre minhas cidades favoritas, afora Providence, estão Quebec, em Portsmouth; New Hampshire, Salem e Marblehead em Massachusetts; Newport em meu próprio estado; Philadelphia, Annapolis, Richmond com sua abundância de lembranças de Poe; a Charleston do Séc. XVIII, a St. Augustine do Séc. XVI e a sonolenta Natchez no seu penhasco vertiginoso e seu interior subtropical magnífico. As “*Arkham*” e “*Kingsport*” que aparecem em alguns de meus contos são versões mais ou menos adapta-

das de Salem e Marblehead. Minha Nova Inglaterra nativa e sua tradição antiga e persistente fundiram-se profundamente em minha imaginação e aparecem freqüentemente no que escrevo. Vivo atualmente em uma casa de 130 anos de antigüidade na crista da antiga colina de Providence, com uma vista monumental das ramagens e telhados veneráveis da janela acima de meu escritório.

Agora está claro para mim que qualquer mérito literário real que possua está confinado aos contos oníricos, de sombras estranhas, e exterioridade cósmica, apesar de um profundo interesse em muitos outros aspectos da vida e da prática profissional da revisão geral de prosa e verso. Do motivo, não tenho a menor idéia. Não tenho ilusões a respeito do precário status de meus contos, e não espero chegar a ser um competidor sério de meus autores fantásticos favoritos: Poe, Arthur Machen, Dunsany, Algernon Blackwood, Walter de la Mare e Montague Rhodes James. A única coisa que posso dizer em favor de meu trabalho é sua sinceridade. Nego-me a seguir as convenções mecânicas da literatura popular ou encher meus contos de personagens e situações comuns, mas insisto na reprodução de impressões e sentimentos verdadeiros da melhor maneira que possa conseguir. O resultado pode ser pobre, mas prefiro seguir aspirando a uma expressão literária séria antes que aceitar os estandartes artificiais do romance barato.

Tentei melhorar e fazer mais sutis meus contos com o passar dos anos, mas não alcancei o progresso desejado. Alguns de meus esforços fo-

ram mencionados nos anuários de O'Brien e O. Henry, e uns poucos tiveram a honra de ser reimpressos em antologias; porém todas as propostas de publicar uma coletânea acabaram em nada. É possível que um ou dois contos curtos possam sair como separatas dentro em pouco. Nunca escrevo se não posso ser espontâneo: expressando um sentimento já existente e que exige cristalização. Alguns de meus contos envolvem sonhos reais que experimentei. Meu ritmo e maneira de escrever variam bastante em diferentes casos, mas sempre trabalho melhor pela noite.

De minhas produções, meus favoritos são “*The Colour Out of Space*” (A Cor Surgida do Espaço) e “*The Music of Erich Zann*” (A Música de Erich Zann), na ordem citada. Duvido que possam ter algum êxito no gênero comum de ficção científica.

Creio que a literatura fantástica oferece um campo de trabalho sério, nada indigno dos melhores artistas literários; ainda que muito limitado, já que reflete somente uma pequena seção dos infinitamente complexos sentimentos humanos. A ficção espectral deve ser realista e centrar-se na atmosfera; confinar sua saída da Natureza ao único canal sobrenatural eleito, e lembrar que o cenário, o tom e os fenômenos são mais importantes para comunicar o que há de comunicar-se que os próprios personagens ou a trama. A graça de um conto verdadeiramente estranho é simplesmente alguma violação ou superação de uma lei cósmica fixa, uma fuga imaginativa da tediosa realidade; portanto são

os fenômenos mais que as pessoas os ‘heróis’ lógicos. Os horrores, acredito, devem ser originais: o uso de mitos e lendas comuns é uma influência debilitante.

A ficção publicada atualmente nas revistas, com sua incurável orientação para os pontos de vista sentimentais convencionais, estilo enérgico e alegre, e artificiais tramas de ação, não vão muito alto. O melhor conto fantástico jamais escrito é provavelmente “*The Willows*” (Os Salgueiros), de Algernon Blackwood.

23 de novembro de 1933

O CHAMADO DE CTHULHU

“The Call of Cthulhu” – 1926

“Não é possível que tais potências ou seres tenham sobrevivido... tenham sobrevivido a uma época infinitamente remota, onde... onde a consciência se manifestasse, talvez, sob corpos e formas que há muito tempo se retiraram do mundo, diante da ascendente maré da humanidade... formas das quais só a poesia e a lenda conservaram uma fugaz recordação, sob a nomenclatura de deuses, monstros, enfim, seres míticos de todas as classes e espécies...”

Algernon Blackwood

I

O HORROR NA ARGILA

Não há no mundo maior fortuna, acredito, que a incapacidade da mente humana em relacionar em si mesma tudo o que nela há. Vivemos em uma ilha de plácida ignorância, rodeados pelos mares negros do infinito, e não é nosso destino empreender longas viagens. As ciências, que seguem seus

próprios caminhos, até agora não causaram muito dano; mas algum dia a união de inúmeros conhecimentos dissociados abrir-nos-á os olhos para a realidade e para a perturbadora posição que nela ocupamos, em perspectivas tão terríveis que enlouqueceremos diante de tal revelação ou fugiremos dessa luz funesta, refugiando-nos na segurança e na paz de uma nova Idade das Trevas.

Alguns teósofos intuíram a majestosa grandeza do ciclo cósmico do qual nosso mundo e nossa raça não são mais que fugazes incidentes. Assinalaram seus estranhos sobreviventes em termos que gelariam o sangue, não estivessem os mesmos disfarçados por um brando otimismo. Mas não foram eles que me deram a fugidia visão desses dons proibidos, os quais me fazem estremecer quando penso neles, e me enlouquecem em pesadelos. Essa visão, como toda temível visão da verdade, surgiu de uma união casual de elementos diversos; nesse caso, o artigo de um velho periódico e as notas de um professor já falecido. Espero que nenhum outro consiga levar a cabo tal união; eu, com toda certeza, enquanto vivo, não aludirei voluntariamente a um só elo de tão espantosa cadeia. Creio, por outra parte, que o professor havia decidido, também, não revelar o que sabia, e que, se não tivesse morrido repentinamente, teria destruído suas anotações.

Tomei pela primeira vez conhecimento desse assunto no inverno de 1926/1927, quando da morte de meu tio-avô, George Gammel Angell, professor honorário de línguas semíticas da Universidade de Brown, Providence, Rhode Island. O pro-

fessor Angell era uma autoridade vastamente conhecida em matéria de antigas inscrições e a ele haviam recorrido com freqüência os curadores dos mais importantes museus. Muitos devem portanto recordar sua desapareição, ocorrida à idade de noventa e dois anos. As obscuras razões de sua morte aumentaram ainda mais o interesse local. O professor tinha morrido enquanto voltava de barco de Newport, e, segundo afirmam as testemunhas, logo após receber o esbarrão de um marinheiro negro. Este havia surgido de uma das curiosas e sombrias passagens situadas na falda abrupta da colina, que une as docas à casa do defunto, em Williams Street. Os médicos, incapazes de descobrir alguma desordem orgânica, concluíram, após perplexa troca de opiniões, que a morte devia ser atribuída a uma nebulosa lesão no coração, determinada pela rápida ascensão de uma costa excessivamente empinada para um homem tão idoso. Na data, não vi motivo para discordar desse diagnóstico, mas hoje tenho minhas dúvidas... e algo além.

Como herdeiro e executor de meu tio-avô, viúvo e sem filhos, era de esperar que eu examinasse seus papéis com certa atenção. Trasladei com esse propósito todos os seus arquivos e caixas para minha casa, em Boston. O material por mim reunido seria publicado, em sua maior parte, pela Sociedade Americana de Arqueologia; mas havia uma caixa que me pareceu sumamente enigmática, e senti sempre certo receio de mostra-la para outras pessoas. Estava fechada, e não encontrei a chave até que me ocorreu examinar o chaveiro que o professor levava sempre consigo. Logrei abri-la então,

mas deparei-me com outro obstáculo, maior e ainda mais impenetrável. Que significado podiam ter esse curioso baixo-relevo de argila, e aquelas notas, fragmentos e recortes de velhos periódicos? Havia-se convertido meu tio, em seus últimos anos, num devoto das mais superficiais imposturas? Resolvi procurar pelo excêntrico escultor que havia alterado a paz mental do ancião.

O baixo-relevo era um tosco retângulo de dois centímetros de espessura e uns trinta ou quarenta centímetros quadrados de superfície; indubitavelmente de origem moderna. Os desenhos, contudo, não eram nada modernos, nem por sua atmosfera nem por sua sugestão; pois ainda que as estranhezas do cubismo e do futurismo sejam numerosas e extravagantes, não lograriam reproduzir essa críptica regularidade da arte pré-histórica representativa. E a maior parte dos desenhos parecia ser, certamente, alguma espécie de escrita. Apesar de minha familiaridade com os papéis e coleções de meu tio, não pude identifica-la, nem sequer suspeitar alguma remota relação.

Sobre os supostos hieróglifos havia uma figura de caráter evidentemente representativo, ainda que a execução impressionista impedisse compreender sua natureza. Parecia uma espécie de monstro, ou o símbolo de um monstro, ou uma forma que só uma fantasia enfermiça poderia conceber. Se digo que à minha imaginação, algo extravagante, pareceu ao mesmo tempo um polvo, um dragão e a caricatura de um ser humano, não trairei o espírito do desenho. Sobre um corpo escamoso e grotesco,

munido de asas rudimentares, erguia-se uma cabeça bulbosa e coroada de tentáculos; mas era o *contorno geral* que a fazia mais particularmente horrível. Por detrás da figura se esboçava uma arquitetura ciclópica.

As notas que acompanhavam esse curioso objeto, além de uns recortes de jornal, haviam sido escritas pelo próprio professor e não tinham pretensões literárias. O documento de aparência mais importante era encabeçado pelas palavras “O CULTO DE CTHULHU”, escritas cuidadosamente em caracteres de imprensa, para evitar qualquer erro na leitura de um nome tão obscuro. O manuscrito era dividido em duas partes; a primeira tinha o título: “1925, Sonho e obra onírica de H. A. Wilcox, Thomas Street 7, Providence, R.I.”, e a segunda: “Informe do inspetor John R. Legrasse. Bienville Street 121, New Orleans, à Sociedade Americana de Arqueologia, 1928. Anotações do mesmo e do Prof. Webb”. As outras notas manuscritas eram todas muito breves: relatos de sonhos curiosos de diferentes pessoas, citações de livros e revistas teosóficas (principalmente “*A Atlântida e a Lemúria perdidas*” de W. Scott-Elliot), e o resto comentários acerca da sobrevivência das sociedades e cultos secretos, com referência a passagens de tratados mitológicos e antropológicos, como a “*A Vinha Dourada*”, de Frazer, e “*O Culto das Bruxas na Europa Ocidental*”, da senhorita Murray. Os recortes de jornais aludiam principalmente a casos de alienação mental e crises de demência coletiva na primavera de 1925.

A primeira parte do manuscrito principal relatava uma história bem curiosa. Parece que em 1º de março de 1925, um jovem magro, moreno, de aspecto neurótico, sendo presa de grande excitação, tinha visitado o professor Angell trazendo o singular baixo-relevo de argila, então ainda fresco e úmido. Em seu cartão lia-se o nome de Henry Anthony Wilcox, e meu tio havia reconhecido nele o filho mais novo de uma excelente família, com a qual estava ligeiramente relacionado. Wilcox, que já fazia algum tempo estudava desenho na Escola de Belas Artes de Rhode Island, e que vivia no hotel *Fleur de Lys*, bem próximo dessa instituição, era um jovem precoce de gênio indubitável, mas também bastante excêntrico. Desde sua infância havia chamado atenção pelas histórias e sonhos estranhos que costumava relatar. Denominava a si mesmo “fisicamente hipersensitivo”; mas a gente séria da velha cidade comercial considerava-o, simplesmente, “diverso”. Não havia jamais freqüentado os de sua própria classe e pouco a pouco tinha-se retirado de toda atividade social. Atualmente era conhecido apenas por alguns estetas de outras cidades. A Associação Artística de Providence, desejava de preservar seu conservadorismo, banira-o.

Naquela visita, dizia o manuscrito, o escultor havia bruscamente pedido a ajuda dos conhecimentos arqueológicos de seu hóspede para identificar os hieróglifos. O jovem falava de modo pomposo e descuidado, o que impedia muito simpatizar com ele. Meu tio respondeu-lhe com secura, pois a evidente idade da tabuleta excluía qualquer possível relação com as ciências arqueológicas. A